

Analista conversa com artistas sobre psicanálise

Sérgio Telles

Resenha de *Conversa infinita*, de Mariano Horenstein, São Paulo, Quina, 2025, 346 p.

Conversa infinita é a realização de um projeto pessoal do psicanalista argentino Mariano Horenstein, apoiado pela International Psychoanalytic Association (IPA). Ele entrevistou vinte artistas que falam sobre a fundamental importância da psicanálise em suas vidas pessoais e na criação artística.

O resultado é muito interessante especialmente pelo alto nível dos entrevistados, criadores de primeiríssimo time, mundialmente reconhecidos. Entre eles estão Marina Abramovic, Sophie Calle e Andrea Fraser, artistas conceituais performáticos de vanguarda; escritores como Paul Auster e Siri Hustvedt, Javier Cercas, J.M. Coetzee (Prêmio Nobel de Literatura), Hanif Kureishi, Juan Villoro e Sergio Blanco; pensadores como Julia Kristeva (também analista praticante), Slavoj Žižek, George Didi-Huberman e Alain Badiou; arquitetos como Peter Eisenmann (criador do Memorial do Holocausto em Berlim) e Daniel Libeskind (criador do Museu Judaico de Berlim); cantores e compositores como Jorge Drexler e Caetano Veloso; artistas plásticos como Anish

Kapoor (escultor) e Luis Gonçalves Palma (fotógrafo); e um cineasta, David Cronenberg.

Com exceção de quatro (George Didi-Huberman, David Cronenberg, J.M. Coetzee e Daniel Libeskind), que mesmo assim consideram a psicanálise um imprescindível instrumento de trabalho, os demais só passaram pelo divã.

A postura quase analítica de Mariano Horenstein é muito pertinente. Sem disputar o palco com seus brilhantes convidados, mantém-se no papel discreto de provocador que propõe questões instigantes a seus entrevistados: a) a psicanálise atrapalha a criatividade artística? (opinião frequente e equivocada que circula entre os artistas e que é vigorosamente afastada pelos entrevistados); b) como veem a relação entre narrativa e verdade, mentira, ficção, biografia, autobiografia, autoficção; c) como lidam com a transformação do particular pessoal em objeto estético que se abre para o social; d) como articulam totalidade e fragmento no trato da realidade?; e) veem semelhança na condição do artista e do estrangeiro? f) na arte, o que pode ser dito e visto, o que é impossível de dizer ou ver? g) que pensam do inconsciente, que permanentemente se esconde e se exhibe?

Como era de se esperar, cada um desenvolve a seu modo esses temas, além de fornecer outras informações inusitadas e surpreendentes.

Nesse sentido, talvez as mais impactantes delas sejam dadas por Caetano Veloso e Peter Eisenmann, ao dizerem ter feito longos períodos de análise com dois analistas simultaneamente, o que é inusitado e nos convida a pensar sobre o que teria levado esses analistas a admitirem uma condição tão distante dos parâmetros habituais.

A posição de excepcionalidade desses pacientes disporia os analistas a práticas que seriam impensáveis com os demais? Isso nos leva a uma questão mais ampla – de que forma a fama, poder e prestígio de um paciente impacta o narcisismo do analista? Essa condição monopolizaria sua contratransferência? A meu ver, nessas circunstâncias é possível que, por um lado, o analista fique gratificado, pois ter pacientes famosos e importantes reforça seu próprio narcisismo; desde que não tivesse

Sérgio Telles é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, parte do corpo editorial desta revista e autor de vários livros e artigos.

DOI: 10.70048/percurso.76.157-160

ele mesmo certa relevância e reconhecimento em sua área, não teria esse tipo de clientela. Por outro lado, seu narcisismo poderia ficar abalado ao se confrontar com a grandeza intelectual e criativa do paciente, deixando-o humilhado e diminuído, suscitando sua inveja, competitividade e destrutividade, desencadeando formações reativas compensatórias. Enfim, trata-se de uma situação especial, a ser analisada com cuidado, pois o risco de o analista ficar ofuscado pela notoriedade do paciente é grande, podendo levá-lo a condutas que não teria com um paciente “comum”.

Das entrevistas, talvez a mais “analítica” seja a de Hanif Kureishi. Ele fala sobre seu cansaço com entrevistas, pois é obrigado a dá-las infinitas vezes no trabalho de divulgação de seus livros, e de seus problemas pessoais, como a dificuldade que teve em lidar com seu pai, um homem frágil, um escritor fracassado, com quem não pôde estabelecer uma rivalidade edipiana e, sim, manter com ele uma atitude de proteção e cuidados. Reconhece que a psicanálise salvou sua vida ao livrá-lo da autodestrutividade. Diz ele: “A psicanálise não está na moda, mas está em toda parte” (p. 248).

Os escritores Siri Hustvedt e Paul Auster compõem um casal muito especial. Siri é uma incansável defensora da psicanálise e acaba de ganhar o Sigourney Award, importante prêmio anual para os que ajudam o progresso e a divulgação da psicanálise. É ela quem articula de forma mais clara o já mencionado preconceito dos artistas: “Esse mito de que a análise roubaria sua criatividade, de que se você encontra seus problemas neuróticos (essa parte profunda de si mesmo) não vai mais querer escrever, isso não tem nenhum sentido. O que a psicanálise faz é libertar os artistas para que façam o melhor trabalho possível, muito mais que bloquear” (p. 42).

Paul Auster, apesar de reconhecer sua curiosidade sobre a psicanálise, diz nunca ter pensado em se analisar, apesar das recomendações da mulher. O que é muito chamativo, pois o relato que faz do doloroso relacionamento com seu pai dá a entender o quanto ele teria se beneficiado com o procedimento. Tal impressão se fortalece ao se

tomar conhecimento do suicídio de seu filho único (fruto de seu primeiro casamento com a também escritora Lydia Davis), acusado pela morte, por negligência, de sua filha (neta de Auster), criança de 10 meses de idade. Essa tragédia ocorreu em 2022, posterior à data em que foi feita a entrevista publicada no livro. Mas, ao lê-la agora, é impossível não ligar as duas informações. Auster havia rompido com o filho anos antes, quem sabe ecoando o sofrido relacionamento com seu próprio pai.

Ocorrem dois interessantes lapsos durante as entrevistas. Um deles feito pelo próprio Horenstein (argentino), no encontro em Madri com Jorge Drexler (uruguaio), quando, ao fazer uma citação, confunde Cervantes (escritor espanhol) com Borges (escritor argentino). O lapso, registrado, mas não interpretado, talvez evoque questões identitárias nacionalistas e históricas disputas ligadas ao colonialismo espanhol. O outro lapso é mais revelador, foi feito na longa entrevista com Anish Kapoor, escultor muito bem situado no mercado, cujas obras valem milhões de dólares. No lapso, pretendia dizer – “Do ponto de vista do artista, a única coisa que se pode fazer é aceitar que o dinheiro *não é mais que outra ficção*”, mas, ao invés, disse: “Do ponto de vista do artista, a única coisa que se pode fazer é aceitar que o dinheiro *não é mais que uma perfeição*”. O lapso – extremamente revelador – evidencia esse grave problema para os artistas que fazem sucesso e ganham muito dinheiro: o lidar com a mercantilização inevitável da obra, o ingresso no sistema que desprezam, a inveja dos colegas, a culpa com o enriquecimento. Não por acaso, Drexler disse em sua entrevista: “Qualquer um pode sobreviver a um fracasso, mas poucos sobrevivem ao sucesso” (p. 168). Javier Cercas fala da imensa culpa frente ao sucesso (seus livros estão traduzidos em trinta idiomas e venderam milhões de cópias), o impacto que isso trouxe para si e para seus amigos, cujos ataques invejosos quase o enlouqueceram. Ele diz que a psicanálise o salvou do desastre.

Um tema recorrente explorado por Horenstein é aquele da relação entre verdade / ficção / mentira / transmutação da vida pessoal em obra

de arte / público e privado, relações entre biografia, autobiografia, autoficção. Algo que aproxima a literatura da psicanálise, pois esta tem uma dimensão narrativa que lhe é própria e que, a meu ver, apresenta duas configurações básicas. Na primeira, o paciente traz uma narrativa cristalizada de sua vida, que o analista desmonta para, junto com o paciente, reconstruí-la livre dos mecanismos que a distorciam, liberando assim a verdade de seus desejos. Na segunda, o paciente chega com uma narrativa caótica e fragmentada, cabendo ao analista montá-la, dando-lhe o sentido perdido. Nas duas modalidades, deparam ambos (paciente e analista) com o que é possível dizer, o que é indizível, o que é possível ver, o não visível, o inconsciente que permanentemente se expõe e se esconde.

No que diz respeito ao item ficção / realidade / verdade, a experiência mais interessante é a relatada pela fotógrafa e escritora Sophie Calle, cuja criação está calcada diretamente na realidade vivida transposta para a obra de arte. Paul Auster havia se inspirado na pessoa dela para criar um personagem em seu livro *Leviatã*, procedimento comum na produção de obras literárias. Como provocação, Calle então lhe propõe o processo inverso: Auster deveria escrever uma ficção sobre ela, a partir da qual ela (Calle) se encarregaria de *vivê-la*, ou seja, o que Auster escrevesse ficcionalmente a seu respeito, ela o realizaria, tornando assim a ficção em realidade vivida, rompendo a barreira entre as duas dimensões (ficção e realidade).

Como era de se esperar, praticamente todos os escritores se referem à questão ficção / realidade, que é central na escrita literária. Sergio Blanco ressalta que no divã cumpre enfrentar a *verdade* e não a *ficção*, muito embora a verdade possa surgir através da ficção. É necessário não confundir *ficção* com *mentira*, diz ele. Aponta ainda para a relação entre *trauma* e *trama*, a escrita vista como uma trama que procura recompor o que foi rompido pelo trauma. Blanco também nos revela a curiosa origem do termo *autoficção*, criado em 1977 pelo escritor francês Serge Doubrovsky, que o inventou quando dirigia o carro (auto) na estrada indo para o analista, inventando

ficções sobre si mesmo (autoficção: ficções sobre si mesmo escritas no auto para contar ao analista).

A relação entre a escrita e psicanálise é ressaltada por vários entrevistados. Cercas afirma: “Dizer que escrever é uma forma de terapia é um clichê, mas os clichês são clichês por dizerem a verdade. [...] É uma evidência: escrever é uma terapia e se relaciona com a psicanálise, serve para expulsar os seus demônios, para lhes dar forma” (p. 112).

George Didi-Huberman, que nunca fez análise, acredita que a escrita é uma autoanálise. Diz ele: “Quando escrevo, ainda que escreva sobre outras coisas, escrevo uma perpétua autoanálise, é muito importante para mim” (p. 145).

Destoando do grupo, duas entrevistadas confessam não ter tido boas experiências de análise. Marina Abramovic conta ter feito uma única tentativa numa terapia de casal em que sentiu que a terapeuta tomava partido de seu então marido. Sophie Calle, por sua vez, apresenta uma história mal contada que mereceria ser analisada. Diz ter ido ao analista por um equívoco de seu pai, que, preocupado com sua saúde, pedira indicação a amigos de um bom *generalista* (um clínico geral), e, sem se aperceber, lhe forneceram o nome de um “analista”. Mesmo assim, ela – que não pensava em procurar um analista – ali ficou por algum tempo. Como era um serviço público, sentia-se culpada pois julgava que sua vaga deveria ser ocupada por alguém mais necessitado. Mas, enquanto ali esteve criou histórias para contar para seu analista, que posteriormente publicou como livro, e acha que sua obra está profundamente marcada pela psicanálise.

A posição mais ambivalente do grupo é ocupada pelo grande arquiteto Peter Eisenmann, que foi casado com a filha do psicanalista que analisara o controvertido pintor norte-americano Jackson Pollock. Diz ele: “Minha esposa estava bastante perturbada, por ser filha de um analista. Os analistas são os mais doentes de todos e tentam curar a si mesmos através de outras pessoas, essa é minha teoria” (p. 171). Apesar de pensar assim, Eisenmann fez décadas de análise (longos períodos com dois analistas simultaneamente,

como já vimos) e encaminhou a segunda mulher e todos os filhos para o divã.

Outro tema proposto por Horenstein aos entrevistados é a posição enigmática da psicanálise entre arte e ciência. Sabe-se que a psicanálise não seguirá jamais pressupostos científicos objetivos e mensuráveis, mas isso não anula a verdade de seu saber, que deve ser avaliado por outros meios epistemológicos. Sua proximidade com a arte, comprovada mais uma vez no depoimento desses importantes criadores, aponta para

a inabalável verdade de seu saber difícil de aferir, mas tão indiscutível quanto a verdade que emana das obras de arte.

Os entrevistados dão tocantes depoimentos pessoais e falam com propriedade de suas criações. Uns poucos se perdem em confusas divagações tentando explicar algo que no fundo é inexplicável – a gênese de suas próprias criatividades. Mas talvez não seja justo cobrar do artista explicações sobre sua própria arte, ele já faz muito em produzi-la e nos presentear com ela.